

O IMAGINÁRIO LATINO AMERICANO A PARTIR DA SÉRIE OS LATINO AMERICANOS

CÁSSIA RELVA¹

Resumo

O presente trabalho pretende apresentar o projeto de cooperação audiovisual TAL (Televisão América Latina), entendido como experiência de interculturalidade, utilizando as ideias de imaginário. Os projetos de cooperação audiovisual são tentativas de disseminar as culturas de uma região e a promoção da interculturalidade pela produção audiovisual. Este projeto de mestrado analisa o imaginário construído da América Latina a partir da série Os Latino-americanos, produzido e vinculado pela TAL com o objetivo de apresentar as identidade(s) latino-americanas em seus possíveis pontos de convergências. Para esta apresentação, divulga-se os apontamentos sobre a transição do conceito de América Latina, a história da comunicação na região e alguns elementos parciais da pesquisa sobre a série Os latino-americanos.

Palavras-chave: Imaginário Latino-americano; Comunicação Latino-americano; Produção Audiovisual Latino-americana; Televisão América Latina.

A identidade da América Latina é atravessada por conflitos multiculturais, que por sua vez são reflexos da construção de um imaginário. Como o intercâmbio e multiculturalismo entre povos acontece desde a História Antiga, o choque de culturas não pode ser considerado um evento pioneiro entre grupos e civilizações que habitavam o que designamos hoje como América Latina. Dada a diversidade das experiências, cada uma dessas culturas possuirá suas singularidades e leituras, que serão incorporadas pelo imaginário desses povos para interpretá-lo.

A América Latina é um espaço imaginário, construído por meio de discursos diversos - políticos, científicos, literários etc. Tais discursos são reflexos de suas épocas e de determinados interesses, assim, as representações por eles criadas variaram consideravelmente ao longo do tempo.

Segundo a Enciclopédia Contemporânea Moderna da América Latina e Caribe (SADER, 2005), o conceito América Latina possui duas versões, que se construíram simultaneamente em Paris e foram escritas em Francês e Espanhol. Uma conecta a América Latina à extensão territorial vinda de interesses Europeus. A outra relaciona a insatisfação de uma parcela da população local contra o avanço da influência estadunidense na região.

A primeira foi cunhada por Napoleão III (1808-1873) para justificar seu apoio à construção de um império francês no México, tendo como imperador nomeado um arquiduque austríaco, Ma-

¹ Cássia Relva é mestranda do programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Católica de Brasília na linha de pesquisa Processos Comunicacionais na Cultura Mediática. É graduada em jornalismo e psicologia pela Universidade Católica de Brasília. Orientador(a): Sofia Cavalcanti Zanforlin. E-mail: cassiarelva@gmail.com

ximiliano, em 1864. O termo “Amerique Latine” desta versão caracteriza por uma ideia de unidade racial e cultural dos povos latinos em relação aos povos anglo-saxões e germânicos. (Morse, 1988, apud Souza, 2011). Nesta versão o continente americano abrigaria duas américas: a anglo-saxônica, ao norte e a latina, ao sul. Entretanto, os planos de Napoleão III foram frustrados quando lideranças locais mexicanas, comandadas por Benito Juarez, em 1867, depuseram e fuzilaram o imperador.

A segunda nos remete às forças de resistência de intelectuais da região contra o avanço da influência estadunidense nesta região. A discussão sobre o pioneirismo do termo entre os “povos latinos” levou Bethell (2009) a considerar três referências: o poeta, jornalista e diplomata colombiano José Maria Torres Caicedo (1830-1890); Francisco Bilbao Barquin (1823-1865), intelectual chileno e o político, jurista, sociólogo e diplomata colombo-panamenho, Justo Arosemena (1817-1896).

Caicedo havia escrito em Veneza, em 1856, e publicado em Paris, em 1857, o poema As duas Américas:

Esos pueblos nacidos para aliarse:
La unión es su deber, su ley amarse:
Igual origen tienen y misión;
La raza de la América latina,
Al frente tiene la sajona raza,
Enemiga mortal que ya amenaza
Su libertad destruir y su pendón.
(CAICEDO, 1857)

Escreveu ainda textos sobre a união latino americana, influenciado pelo pensamento de Bolívar, que desejava formar uma liga americana para o desenvolvimento. Defendia a unidade dos povos do sul contra a América do Norte.

O chileno Francisco Bilbao defendeu em Paris, em 1856, suas impressões sobre a unidade latino americana, organizando, inclusive um movimento social dos povos da América Meridional, em Bruxelas. Ao regressar para Buenos Aires publicou ainda as obras “A América em perigo” (1862); “Emancipação do espírito na América” (1863), e “O evangelho Americano” (1864). Por fim, o senador colombiano Justo Arosemena, em 1856, discursou na Bolívia seus escritos sobre a questão americana, artigos publicados no El neogranadino.

Outro ponto polêmico quanto às origens do termo América Latina neste período é a inclusão ou não do Brasil como região pertencente. Bethell (2009) afirma que esta ideia não existia entre os países de língua latina nem entre os brasileiros da época. O país só foi incorporado nesta região, na segunda década do século XX, quando os Estados Unidos e Europa e demais países reconheceram o Brasil como pertencentes a “Latin America”. Para os intelectuais, escritores e diplomatas brasileiros e hispano-americanos, entretanto, o Brasil pertencia a América Meridional ou América do Sul, pois defendiam diferenças geográficas e históricas entre o país e os demais Estados-Nações da América Latina. Entre elas, estava a percepção de que o Brasil se aproximava mais da Europa e, em especial, da França do que dos intelectuais da América Latina.

A exclusão do Brasil dessa região só começou a mudar quando Manuel Baldomero Ugarte, escritor, diplomata e político argentino defendeu a inclusão do país na América latina. No livro *El porvenir de América Latina: La rasa, la integridad territorial y moral, la organización interior*”, escrito entre 1910 e 1918 ele advoga:

Los sudamericanos de origen portugués y los de origen español han pasado por idénticos trances, se han modificado al influjo de una misma naturaleza virgen y han sufrido la influencia de inmigraciones equivalentes. Las discrepancias iniciales, lejos de agravarse, se atenúan. Además, iguales peligros, paralelas esperanzas y un porvenir común empujan a las nuevas repúblicas en un grupo estrecho por un camino único. El Brasil forma parte integrante del haz hispanoamericano y su destino como nación es inseparable del resto del Continente...Las querellas históricas y las diferenciaciones secundarias desaparecen ante las vastas perspectivas y los problemas vitales que se abren ante nosotros al comenzar el siglo. Por eso es por lo que al hablar de la América latina entendemos tratar también de la variante portuguesa, que no desentona en el conjunto y cuyos fundamentos morales son los mismos... (URGARTE, 2008, p.20)

América Latina: da unidade à diversidade

Do ponto de vista geográfico é possível perceber uma unidade que se caracteriza por uma continuidade continental nesta região. Mas a percepção do que seria este espaço mudou ao longo do percurso histórico.

Durante os primeiros anos da colonização, a América Latina foi uma. Sua unidade foi sustentada pela imaginação dos conquistadores, colonos e aventureiros que a associavam a um espaço cheio de riquezas, sem os sofrimentos e miséria do Velho Mundo. Relatos que tinham mais ênfase na fantasia do que na veracidade, na transmissão do que na experiência em si, de testemunho dos fatos narrados. A unidade americana das primeiras décadas não se baseava na realidade, mas na imaginação. O continente americano deste período era composto por grupos com os mais diversos graus de complexidade, de nômades da região amazônica até povos donos de uma cultura e organização social avançada como os impérios Inca e Asteca, formando nesta região uma imensa pluralidade e diversidade de grupos e estruturas. (MAGNOLI, 2008).

Para Sérgio Buarque de Holanda há diferenças entre os relatos ibéricos e de outros povos europeus, que indicam percepções de mundo distintas e resultam em maneiras de se relacionar com a realidade de forma diferenciada. Nos relatos ibéricos, ele percebe um olhar não encantado das novas terras, enquanto nos discursos franceses verifica-se uma postura maravilhada ao exótico e ao sobrenatural, onde utilizavam metáforas para se referir a riqueza da flora e à fauna, percebendo os nativos como puros e inocentes.

Sérgio Buarque de Holanda argumenta, porém, que mesmo os ibéricos, em sua propensão a um realismo amargo e resignado, cético e empirista, não se encontravam tão afastados de certas concepções correntes na Idade Média sobre a realidade física do Éden. A tradição medieval, tanto cristão quanto judaica e a árabe, versava sobre o Éden havia séculos. Essas histórias e lendas já haviam se transformado em verdadei-

ros mitos. A descoberta significou, em muitos aspectos, a realização de uma profecia. O mito da conquista estava de tal forma arraigado nas culturas e no imaginário europeu medieval que, ao chegar às Antilhas, Colombo pensou ter chegado ao Paraíso terrestre. (BELMONTE, 2008, p. 22)

O sobrenatural e o fantástico não estavam apenas do lado europeu, a visão dos ameríndios sobre o colonizador, principalmente para os astecas, representou a materialização de uma profecia. Muitos estudos partem, inclusive, do acesso às profecias de declínio do Império Inca e Asteca para a investigação. Por um lado os presságios dos ameríndios indicam a perda das terras, a exploração e escravidão, por outro, a chegada para os europeus às novas terras remetia a uma terra prometida por Deus para poucos homens. Enquanto para os ameríndios isso representava o encontro com deuses para conquistar o que outros homens lhes haviam tirado, para os europeus os homens deveriam se apossar do que Deus havia programado.

Observa-se, por fim, que o espaço onde se nomeia América Latina independente da origem do olhar foi construído nos primeiros anos sobre a ótica do sobrenatural, fantasioso e mítico; ligados às referências ancestrais tanto de colonizadores quanto dos nativos sobre o próprio espaço e o encontro.

No percurso dos anos, a América, já sobre o impacto da colonização, teve, ainda que minimamente, certo grau de homogeneização gerada pelos traços fundamentais que caracterizavam sua condição de colônia como fornecedora de matéria-prima para suas metrópoles. Aos poucos, o processo de colonização fragmenta o “Novo Mundo” quando os territórios ocupados por colonizadores distintos envolvem sua produção ao comércio exclusivo com seus colonizadores europeus. As formas divergentes de exploração colonial dissiparam a unidade ilusória da América, transformando a “América” em “Américas”: a América Hispânica, sustentada pela escravidão dos índios, a América Lusitana, apoiada na escravidão africana e América Anglo-Saxônica, constituída pelas grandes propriedades sulistas de monocultura e utilização de mão-de-obra escrava. (ROSSATO, 2004).

Para Darci Ribeiro (1986) apesar das diferenças havia pontos de convergências nestes processos: a origem do colonizador e a presença ou ausência da população indígena e africana.

O que sobressai no mundo latino-americano é a unidade do produto resultante da expansão sobre a América e o seu bem-sucedido processo de homogeneização (p.17). A unidade essencial da América Latina decorre do progresso civilizatório que nos plasmou no curso da Revolução Industrial -, gerando uma dinâmica que conduziu à formação de um conjunto de povos, não só singular frente ao mundo, mas também crescentemente homogêneo (RIBEIRO, 1986, p. 23).

A homogeneidade do processo civilizatório na região não permitiu que os sistemas de colônias que existiram convivessem durante os séculos, pelo contrário, até hoje os latino-americanos interagem com os grandes centros econômicos mundiais sem uma coexistência interna e suas fronteiras mais isolam do que dialogam. (RIBEIRO, 2010).

As ideias de integração, porém, estiveram presentes na história da América Latina, principalmente na formação de seus Estados nacionais e contribuíram para a geração que apostou na cons-

trução de uma identidade latino-americana e sua integração. Desde o início, a concepção do termo América Latina vindo desta região esteve ligado ao forte sentimento de resistência dos intelectuais como Simón Bolívar e José Martí à influência estadunidense.

Dos movimentos de independência no século XIX, o venezuelano Simon Bolívar representa a imagem do precursor da integração para a população dos países latino-americanos. É durante a batalha contra as forças militares espanholas que aparece a “Carta da Jamaica”, de 1815, quando Simon Bolívar anuncia a unidade da América Hispânica independente, que deveria se organizar do México até a Argentina, numa imensa confederação. O documento representa a primeira expressão do ideal de integração. Consolidada a libertação, em 1824, aos poucos, a América Hispânica divide-se em novos Estados que surgem dos interesses das elites criollas. A dinâmica da criação dos Estados latino-americanos acabou gerando guerras civis e de fronteiras. Mesmo assim, Bolívar sugeriu ainda uma integração política e cultural da América Hispânica com a formação de um território unificado pela língua que não incluía o Brasil.

Outro intelectual emblemático neste momento foi o cubano José Martí (1853-1895). O poeta, cronista, jornalista e político desenvolveu sua obra tentando construir num novo discurso sobre a história, a cultura e a identidade latino-americanas. Como poeta, buscava encontrar uma universalidade da cultura latino-americana a partir da diversidade de suas sociedades e manifestações, rejeitando a história da América Latina a partir do colonizador. Durante sua vida foi testemunha da luta pela independência das colônias da região frente ao colonizador europeu e o avanço da influência estadunidense na região a partir da anexação dos territórios latino-americanos ao novo colonizador. José Martí foi exilado de Cuba aos 18 anos e viveu em várias regiões da América Latina. Suas ideias sobre unidade continental e construção de uma identidade latino-americana amadureceram no percurso da obra. Além disso, construiu estratégias para a libertação cubana e do continente. Foi opositor das ideias de progresso técnico científico de intelectuais e políticos latino-americanos e as percepções políticas transplantadas da Europa para a América Latina

A partir de sua experiência no México, José Martí formula suas principais ideias: 1) A América Latina é construída por novos povos caracterizados por uma psicologia social particular e distinta; 2) A América Latina deve construir análises e soluções próprias para este espaço. 3) A América Latina é uma unidade histórica-social, resultante da relação entre o natural e o civilizado.

Para ele, o processo de colonização negou a existência do “ser latino-americano”, principalmente quando percebeu as elites latino-americanos pouco preocupadas em solucionar as contradições geradas pela colonização e influenciadas pelo modelo estadunidense de modernidade e desenvolvimento econômico e social e sua expansão na região latino-americana.

De fato, a própria formação dos Estados -Nações na América Latina não foi um desejo das camadas populares, pelo contrário, sua maior participação neste processo desencadeou uma reação das elites locais. No século XIX o que se viu foram duas posições antagônicas em relação à integração das nações latino-americanas. A primeira, o projeto modernizador, tinha como motivação o desejo de se-

guir o exemplo dos países desenvolvidos. Para implantar seu projeto era necessário eliminar as raízes populares, os conhecimentos seculares dos indígenas, a realidade do latino-americano em detrimento da busca pela eficiência e produtividade. O segundo, o projeto identitário, defendia para a região uma construção que, ao mesmo tempo, consolidasse as soberanias nacionais, mas que privilegiasse as relações com os países vizinhos, a fim de fortalecer sua independência política e a integração dos territórios. Neste aspecto, reivindicava a valorização da cultura, do artístico, das realidades latino-americanas e da criação de uma maneira distinta de ser. Além disso, combatiam qualquer intervenção dos países mais desenvolvidos na América Latina. As duas correntes não resolveram suas divergências por meio do diálogo, mas através das relações de poder. Logo, os objetivos do projeto identitário sucumbiram diante da força. (OLIC, 1992).

O desenvolvimento dos Estados-Nações ao longo do século XIX na América Latina determinaram diversas características e variantes. No interior dessa região a organização institucional dos países é historicamente muito diversificada. As disparidades internas dos países geradas pelo modelo econômico-político adotado criaram movimentos opositores em cada país, fruto da marginalização de algumas camadas. A própria unidade realizada mediante as fronteiras apresenta problemas com países vizinhos ou dentro do próprio território. Todos esses aspectos levam a inúmeras dificuldades para uma integração política dos países da América Latina que, além de distintos, não possuem como prioridade a integração e nem uma proposta comum prioritária em suas políticas externas. Cada país acaba por definir quem serão seus principais aliados e parceiros. (OLIC, 1992).

Na atualidade, o conceito de América Latina engloba um conjunto muito variado de definições que abarca vários aspectos, mas a imprecisão do conceito ainda persiste. (CARVALHO, 2003). A heterogeneidade dos percursos neste espaço propõe reflexões como a de Behayat (1993) em pensar regiões mais do que Estados para entender a diversidade latino-americana. Uma de suas conclusões é que o intercâmbio está sendo realizado de maneira progressiva e irreversível a partir dos fenômenos culturais. Às vezes programados por decisões de certos governos, mas vistos como oriundos em sua maioria de manifestações espontâneas – atitudes - hábitos, opiniões, que não podem ser resultado de planejamento antecipado e colocado em prática por aparato legal. Para este autor, fatores como migração, as artes e os jovens da região são os maiores responsáveis pelo intercâmbio cultural latino-americano.

Behayat (1993) afirma que as fronteiras da América Latina desde o período colonial não representaram uma barreira para o intercâmbio das populações. Os Estados latino-americanos não conseguiram impedir a circulação de pessoas, costumes e ideias nesta região. Desta forma, os movimentos demográficos originados pelas instabilidades políticas, pelo desejo de cultivo de novas terras, por fatores climáticos influenciam no processo de interação cultural.

Outro aspecto apontado pelo autor é que se pode verificar a importância dos meios informais para difusão de ideias, influenciando principalmente as populações analfabetas e semi-analfabetas. Nas camadas sociais mais populares encontra-se menor resistência para adoção de novos hábitos de

consumo, formas de vida de povos vizinhos ou dos diversos imigrantes que geram espontaneamente um intercâmbio. As realidades e diversidades latino-americanas retratadas e recriadas nas artes também representam uma tentativa de construir um intercâmbio cultural desses povos, criando possibilidades para identificações e percepções sobre o pertencimento.

América latina imaginada: da utopia a interculturalidade

Os territórios, os Estados nacionais e os espaços geopolíticos, como a América Latina, são criações do imaginário. Para Castoriadis (2000), ele pode ser compreendido não como invenção, mas como deslocamento de sentidos já existentes. Os símbolos, elementos anteriormente presentes, são reformulados e resignificados. O simbólico é ver em algo o que ele não é, já o imaginário não apenas exprime, mas faz com que a coisa seja, com que ela se torne. O imaginário pode fazer aparecer algo que não é nem nunca foi, mas torna-se pela mera expressão. A linguagem, instrumento para o imaginário, não apenas relaciona, não apenas indica, mas cria, dá sentido. Sabe-se que para a construção do imaginário, outras possibilidades de invenção sobre algo foram abortadas ou invisibilizadas, numa nítida relação de poder, por meio do embate de discursos.

Uma vez estabelecido, cristalizado por meio de instituições, o imaginário torna-se sede de poder, ganha autonomia e existência externa. Apresenta-se como realidade autônoma, um já-aí, naturalizado, como se existisse desde sempre. Torna-se um discurso e fonte de poder de vários outros discursos e passa a controlar e criar outros imaginários, um exemplo desse processo pode ser encontrado no histórico do desenvolvimento da ideia de Estado-nação.

Em uma sociedade podem ser encontradas muitas significações imaginárias, as quais constroem uma rede capaz de manter unido o tecido social. O imaginário, porém, não é estanque nem inacessível e é constituído por linguagem, podendo também ser compreendido como uma convenção, cujos pactários esqueceram o próprio acordo, tornando o acordo supremo, como anterior e superior aos próprios sujeitos que o constituíram e o mantem, gerando alienação nos indivíduos e enfraquecimento de suas capacidades autônomas. Sendo, porém, a linguagem instrumento de construção, ela pode atuar também como ferramenta de desconstrução, levando à conscientização dos grupos, destruindo e reconstruindo imaginários, com todas as suas consequências sociopolíticas.

Como apresentado, a mudança e transitoriedade da percepção sobre América Latina assim como as ideias divergentes que coexistem até hoje sobre ela são construções do imaginário. Um instrumento eficaz para a criação e transformação da rede imaginária são os meios de comunicação. Castoriadis (2000) diz que a revolução social começa pelo imaginário. O imaginário criado pelas mídias é, ao lado da ciência, da arte e da religião, um das mais poderosas matrizes de compreensão do mundo pós-moderno. É com base nele que o imaginário geopolítico também se institui (STEINBERGER, 2005). Eles são co-responsáveis pela construção e manutenção de informação, formação e reconhecimento ou invisibilidade que os povos latino-americanos têm de seu próprio espaço geopolítico. Neles estão embutidas as disputas de olhares, versões, clichês e as relações de poder que constroem nosso

olhar sobre a região. Os meios de comunicação apresentam-se, portanto, como arena para o embate de linguagens, para construir, desfavorecer ou manter os imaginários sobre a América Latina. Não são, porém, os meios de comunicação um lugar neutro em que os discursos sobre a região se embatem, mas este próprio lugar é já construção discursiva, à medida que o imaginário construído perpassa as estruturas de linguagem de seus meios como rádios, televisão, cinema, mídia eletrônica e impressa e com elas formam e fundem imaginários próprios sobre a região. Os produtos dos meios de comunicação são capazes de construir ou transformar o que Benedict Anderson (2008) chama de comunidades imaginadas. Uma aldeia, uma nação ou um espaço geopolítico como o latino-americano é uma comunidade imaginada, pois é fundado em uma imagem de partilha, um produto cultural, construído de ideias compartilhadas. Essa pertença é elaborada com a divulgação de ideias por meio de livros, imprensa e pelo desenvolvimento dos meios de comunicação, formulando novas formas de legitimar o poder de um território reconhecido por uma população e compartilhantes de experiências cotidianas em comum, saberes e informações, criando campos de intercâmbio e comunicação. Anderson discute que, apesar de ser um meio favorável para a construção de uma ideia de pertencimento e partilha, os jornais da região à época da construção dos Estados nacionais na América Latina socializavam conhecimentos locais, informando situações semelhantes, mas que não eram percebidas como integrantes de seu cotidiano pelos leitores, assim as informações circulavam entre os territórios da colônia espanhola e portuguesa, mas sem que fatos semelhantes lhes impactassem como sendo também sua própria realidade.

A dinâmica e o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa trouxeram ainda a propagação de costumes, hábitos e comportamentos longínquos dos territórios nacionais ou regionais e o espaço físico não é mais um impeditivo para vivenciar, socializar e aderir práticas e valores de sociedade e comunidades distantes. Todo esforço empregado para construir barreiras de fluxos nos sistemas de valores e crenças divergentes de um determinado Estado ou nação dilui-se ou torna-se resistente diante de trocas possíveis que se podem realizar. Assim, ao revelar o cotidiano alheio além de seu território, os meios de comunicação facilitam e favorecem a troca, capazes de promover a interculturalidade como a possibilidade de integrar diferentes culturas capazes de coexistir sem se anular, visibilizando-as e valorizando o potencial dessas diferenças que se cruzam. Canclini (2003), chama o resultado da interculturalidade de hibridação como as misturas geradas pela integração dos Estados nacionais, indústrias culturais e configurações políticas.

As práticas culturais advindas do atual panorama mundial, a partir de uma nova globalização, são vistas por Canclini (2004) como possibilidades de promoção do diálogo, à medida que indicam a diversidade cultural expressada na forma como os grupos imaginam o social e com isso travam suas relações, vivenciadas pelas diferenças e pela diversificação de interesses. A diversidade é visualizada nas disputas políticas, sociais e culturais entre grupos, evidenciando não mais uma unidade, mas a necessidade de visibilidade.

Para Canclini (2006), a América Latina é um lugar fundado pelas narrativas de diferentes auto-

res da região, contribuintes da identidade deste espaço. Ele acredita que o desenvolvimento dos meios de comunicação como o cinema possibilitaram a criação de circuitos audiovisuais e de intercâmbio entre os latino-americanos, apesar de considerar restrita sua compreensão, focada em coincidências e divergências nas identidades. Canclini defende que a produção audiovisual latino-americana prevaleceu sobre a produção literária e que o desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação, modificou o alcance e o sentido da comunicação cultural. Entretanto o intercâmbio dos produtos de comunicação elaborados na América Latina e para a América Latina não tiveram incentivos das elites locais e das políticas de comunicação para a promoção de seu intercâmbio.

Comunicação latino-americana

“Ao longo dos séculos, a América Latina não sofreu somente o despojamento do ouro, da prata, do salitre e da borracha, do cobre e do petróleo: sofreu também a usurpação da memória. Desde muito cedo foi condenada à amnésia pelos que a impediam de ser.” (GALEANO: 1990). O uso da comunicação nesta região pelas elites latino-americanas contribui para um sistema de informação que favoreceu a desintegração dos valores culturais, históricos e estéticos dos povos latino-americanos. (FERREIRA, 1995). Um exemplo dessa mentalidade colonial ainda presente é a valorização do que está distante geograficamente, como vestígio das trocas feitas entre as colônias e suas respectivas metrópoles, que influenciavam muito mais as rotinas das primeiras do que qualquer decisão tomada nas colônias vizinhas. Daí, pode-se inferir que o espaço na América Latina adquiriu dimensões mais geopolíticas do que geográficas, ou seja, a ideologia da classe dominante organizou o espaço segundo seus desejos, interesses culturais e ideológicos, desfavorecendo a visibilidade de outras realidades.

As políticas de comunicação na América Latina foi tema central nas pesquisas de comunicação, entre as décadas de 1970 e 1980. Elas podem ser definidas como “Ação do Estado no sentido de atender aos direitos dos cidadãos, às demandas da sociedade. Sua função é concretizar direitos previstos na lei, pois o que está declarado em lei não tem força para materializar-se.” (MORAES, 2007: 263).

Segundo Kunsch (2009), o Brasil não havia delimitado uma Política Nacional de Comunicação até a década de 1960. Durante a década de 1960, no entanto, a UNESCO buscou incentivar a criação das agências de notícias e a promoção de intercâmbios de filmes, programas de tv e rádios de países em desenvolvimento. A tentativa fracassa devido à recusa dos países desenvolvidos em aceitar a distribuição mais equilibrada das informações. Além disso, as ditaduras latino-americanas dificultaram a expansão de qualquer meio de comunicação alternativa neste período.

Os países possuem políticas e leis de incentivo e proteção à produção audiovisual nacional, obedecem-se, no entanto, uma lógica cultural própria que comporta medidas específicas de apoio à produção local. A produção, a distribuição e o consumo de produtos audiovisuais são estratégicos para construção do imaginário e a disseminação das culturas. Várias medidas foram tomadas no país para fomento da produção nacional como criação da Lei Rouanet (1991), Lei do Audiovisual (1993),

implantação da Ancine a implantação dos Funcines (2003). Todas as iniciativas resultaram no crescimento da produção e distribuição dos produtos audiovisuais. A atual política pública do audiovisual no país é realizada com incentivos fiscais que garantem o direito de produção, mas retira o Estado das decisões do que vai ser produzido, delegando as empresas que contribuem para a elaboração dos produtos decidirem o que vai ou não ser realizado. Esta circunstância tem como consequência uma produção sem garantia de espaços para variadas estéticas, formatos, linguagens e narrativas do setor devido ao fluxo ser balizado pelas empresas patrocinadoras dos projetos. (SILVA, 2007).

Os projetos de cooperação audiovisual são tentativas de disseminar as culturas da região e a promoção da interculturalidade pela produção audiovisual. Um dos projetos construídos para o intercâmbio desses produtos é a Televisão América Latina. A TAL reúne vários associados da região, desde canais públicos, educativos e instituições culturais que compartilham seus programas de vários formatos- documentários, curtas e séries por meio da TAL, construindo um banco de dados audiovisual sobre a América Latina. Funciona também como uma web TV e produtora de conteúdos.

Representa uma instituição sem fins lucrativos possuindo um acervo de mais de 8 mil programas feitos por instituições e profissionais da região. Hoje a TAL possui parcerias com redes internacionais de distribuição como a GLOMEX, projetando a América Latina para outras regiões do mundo. No caso da Televisão América Latina (TAL), o site disponibiliza o material por temas, por formato, por país e por associado, facilitando a navegação do usuário. Há uma lista de conteúdos mais vistos no site como também as mais recentes aquisições da TAL. São mais de 200 associados entre televisões públicas e educativas como as universitárias. No link associados é possível verificar quais as produções de cada TV que são disponibilizadas para as outras que compõe a rede conveniada. No campo temas há um subgrupo dividido em arte, comportamento, culinária, cultura, cinema, meio ambiente, educação, história, literatura, música e dança, viagens.

A TAL ainda realiza a coordenação de coproduções entre os associados para fortalecer a integração, além de dar suporte técnica e capacitação para os agentes envolvidos. Dentre as produções já realizadas estão as séries *Mi país Nuestro Mundo* sobre a temática da preservação ambiental em nove países latino-americanos. A série *Mujeres artes e letras*, sobre mulheres que com sua arte contribuem para a construção do imaginário de seu povo; A série *Cantantes latino-americanos*, sobre os produtores e artistas musicais da região; a série *nuestro deportistas*, que enfoca o preparo dos futuros atletas da América Latina. Os dados expostos no site da TAL indicam que há 8080 programas em seu bando, 1435 programas distribuídos em 283 televisões e 23 países associados, além de 29 produções realizadas em 10 anos de projeto. A forma como disponibilizam o conteúdo torna o acesso menos restrito ao acervo, pois além de instantâneo, não é limitado pelo alcance do sinal de televisão.

Este trabalho investiga quais são os imaginários latino-americanos percebidos a partir da série os latino-americanos da Televisão América Latina. A série apresentada possui 12 episódios – os brasileiros, os chinelos, argentinos, paraguaios, bolivianos, equatorianos, uruguaios, mexicanos, colombianos, cubanos e venezuelanos, que pretende mostrar as divergências e convergências que

identificam os latino-americanos, traçando um panorama a partir de um olhar subjetivo sobre cada nação vindo do diretor e dos personagens escolhidos por ele para compor a obra.

O sentido subjetivo e suas formas de organização e de processos estão presentes nos níveis simultâneos das subjetividades social e individual e se fazem incorporados nas diferentes atividades e relações do sujeito que interage em diversos espaços e contextos sociais. A subjetividade é um sistema complexo e, como tal, suas diferentes formas de expressão no sujeito e nos diferentes espaços sociais são sempre portadoras de sentidos subjetivos gerais do sistema que estão além do evento vivido, o do contexto em que se centra. (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 126). Desta forma é possível perceber por meio de discursos subjetivos, o coletivo, porque não é possível aprender o pensamento. Acessar objetos de um pensamento que abrange o social é inviável, visto que eles não se mostram em estado puro na experiência do indivíduo e será necessário encontrá-los por meio das significações. Assim, a partir da leitura dos discursos dos personagens apresentados nos documentários analisados é possível interpretá-los por meio de indicadores, que são organizados pelo pesquisador como zonas de sentido. A pesquisa em andamento permite perceber três indicadores de sentido sobre o imaginário da América Latina: a sobrevivência, a resistência e a utopia. A análise desses indicadores está em face de construção.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, B. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo. Cia das Letras, 2008.

BELMONTE, A. **Mundo novo e paraíso terrestre: o transe dos viajantes na conquista da América**: In América Latina: identidades em construção - Das sociedades tradicionais à globalização. LEMOS, M. (org). Editora 7 letras. Rio de Janeiro 2008

BETHELL, L **O Brasil e a ideia de “América Latina” in perspectiva histórica**, Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 22, nº 44, jul/dez, 2009, p. 289-321.

BEYHAUT, G. **Dimensão cultural da integração na América Latina**. Disponível em: <<http://ftp.unb.br/pub/download/ipr/rel/rbpi/1993/133.pdf>>. Acessado em 14/03/2015.

CAICEDO, J. **Las dos Américas**. El Correo de Ultramar. París, 15 de febrero de 1857. Disponível em: <<http://www.filosofia.org/hem/185/18570215.htm>>.

CARVALHO, E. **América para a Humanidade – o americanismo universalista de José Martí**. Editora UFG. Goiânia. 2003

CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 2000.

FERREIRA, M. **A Comunicação (Des) integradora na América Latina: os contrastes do neoliberalismo**, São Paulo, EDICON: CEBELA, 1995

GALEANO, Eduardo. **Memória do Fogo**. La Habana, Casa de Las Américas, 1990.

GARCÍA-CANCLINI, N. **Culturas Híbridas: estratégias para entender e sair da modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

GÁRCÍA- CANCLINI, N. **Cultura e comunicação no desenvolvimento latino-americano**. In: ESCOSTEGUY, Ana.C. Comunicação, Cultura e Mediações Tecnológicas. Porto Alegre. EDIPCURS, 2006.

GONZÁLEZ REY, F. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**; tradução Marcel Silva. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

KUNSCH, M. **Políticas públicas de comunicação: a necessidade de um debate abrangente**. In: CASTRO, D. (Org) Reflexões sobre as Políticas Nacionais de comunicação. Brasília, IPEA, 2009.

MAGNOLI, D. **Questões Internacionais Contemporâneas**. Brasília: Funag, 2002.

MARTÍ, J. **Nossa América**. Editora UNB. Brasília. 2011.

MORAES, G. **A tensão entre liberdade de expressão e direito à informação- empecilho à elaboração de políticas públicas de comunicação**. In: RAMOS, M; SANTOS, S. Políticas de comunicação buscas teóricas e práticas. São Paulo, Paulus, 2007.

OLIC, N. **Geopolítica da América Latina**. São Paulo, Moderna, 1992.

RIBEIRO, D. **América Latina: a pátria Grande**. Editora Guanabara. Rio de Janeiro. 1986.

ROSSATO, E. **A nacionalização e a regionalização na formação da identidade latino-americana**. Disponível em: <www.ufsm.br/mila/publicacoes/reppilla/.../2004%20artigo%202.pdf>. Acessado em 16/04/2015.

SADER, E. JINKINGS, I. (org). **Enciclopédia contemporânea da América Latina e do Caribe**. Boitempo Editorial. São Paulo. 2005.

SILVIA, D. **Circulação cinematográfica no Mercosul**. SP: Annablume. 2007.

STEINBERGER, M. **Discursos geopolíticos da mídia - Jornalismo e imaginário internacional na América Latina**. São Paulo. Fapesp/Educ/Cortez. 2005

UGARTE, M. **El porvenir de América Latina: La rasa, la integridad territorial y moral, la organización interior**. Disponível em: <http://www.manuelugarte.org/modulos/manuel_ugarte/elporvenir.pdf>.